

Anistiado político: HUGO BROCKES

Data de nascimento: 06/08/1937

Em 1958 eu cheguei a Goiás vindo do Paraná, onde morei durante 7 anos. Minha família foi para lá, e voltou em 1957. Em 1958 eu estava servindo o Exército e quando eu saí do Exército vim para Goiânia. Em Goiânia eu fui trabalhar na SEVOP, e na SEVOP eu conheci o João Bênio e o Oscar Dias. Eu trabalhava com ele e o Carmo Bernardes. O Carmo Bernardes era o meu chefe, na parte de assessoria de imprensa. O meu primeiro contato com o teatro foi por meio deles. Eles me convidaram para fazer parte do grupo Benes e Seus Artistas. E com isso, eu que era praticamente apolítico, passei a conviver com um pessoal que era altamente politizado na época. Foi a minha primeira impulsão na política, na discussão sobre a vida, sobre o desenvolvimento social do Brasil.

Com a eleição do Mauro Borges Teixeira, eu fui trabalhar no Palácio e lá eu conheci a colega Dalva Alzi e Lima. Lá trabalhava também Tarzan de Castro, que era assessor do Mauro. E eu me integrei a esse pessoal altamente politizado.

MILITÂNCIA

Primeiro eu estudei no Pedro Gomes e depois eu fui fazer o clássico no Lyceu de Goiânia. No Lyceu de Goiânia houve uma greve contra o aumento de ônibus e o representante da classe não estava na sala. E eu fui escolhido pela turma para ir participar da greve. E a greve resultou em pancadaria entre motoristas e estudantes. Eu fui barbaramente espancado pelos cobradores e motoristas de ônibus, e passei a ser considerado quase um herói por ter enfrentado, praticamente sozinho, os motoristas e cobradores.

Em agosto de 1961 os estudantes estavam reunidos e fizeram uma barreira para impedir a passagem dos ônibus. Tinha uma ruína de uma antiga boate no Lago das Rosas, era uma boate famosa em Goiânia. Em 1961, ela tinha sido demolida, mas ficaram os alicerces. E nós subíamos nesses alicerces para falar com os estudantes. Veio um ônibus e quase atropelou a barreira, passou por cima e quase atropelou os estudantes. Nós jogamos pedras no ônibus, quebramos o vidro traseiro dele e ele foi embora. Eram 2 companhias que eu não me lembro do nome. Os cobradores e os motoristas se reuniram, se armaram de porretes, de pedaços de ferros e barras de direção. E nós estávamos lá, reunidos, quando chegou um senhor que era motorista de caminhão, de ônibus e disse: meus filhos saiam daqui, vão embora, estão vindo dois ônibus cheios de motoristas e cobradores, todos armados com porretes, para acabar com vocês. Vocês vão embora!

Eu me lembro de que na época eu disse que iríamos esperar eles lá, porque lá nós tínhamos a ruína, os alicerces para fazer uma espécie de uma barricada. Eu sei que algum gaiato falou, nós vamos para dentro da sede da URJS. Só que o pessoal entrava pela porta, saía pela janela e ia embora.

Eu fui contra ir para a sede da URJS sim, eu fui o último a entrar lá. E fui levando um monte de tijolos, pedras tudo que eu podia carregar eu carreguei e levei.

Quando eu entrei e tranquei a porta, não vi mais ninguém. As janelas estavam abertas, as janelas da frente da URJS. E os motoristas começaram a jogar pedras em mim. Eles jogavam pedras e as pedras que tinha, jogava neles. Ficava nessa, eles jogavam e eu escondia atrás do corredor. Nesse corredor tinha um banheiro. De repente, alguém abriu a porta do banheiro que estava fechada e recrudescer a chuva de pedras em cima de mim. Eu pulava para dentro e para fora do banheiro, ia lá e jogava pedra neles. Teve uma hora que eu entrei e um sujeito trancou a porta do banheiro para eu não sair e tirou a chave. E eles jogaram uma pedra no vitrô, uma pedra grande que arrebentou o vidro e caiu lá dentro do banheiro. E eu xingando, gritando, berrando com os motoristas, falando sobre o movimento. Fazia discursos para eles através do banheiro. Dizia que estávamos contra a empresa e não contra os motoristas e os cobradores. E que nós estávamos querendo, também, aumento salarial para eles. Aí serenou, parou, ficou quieto.

Eles entram lá e quebraram o gabinete dentário, quebraram o gabinete de barbeiro, quebraram tudo. E o estudante que estava com a chave achou que eles tinham ido embora. Abriu a porta, correu e pulou a janela, e eles pau em cima dele, mas fugiu. E tinham mais dois comigo, que também fugiram. Eu olhei para o lado e vi uma cavadeira. Uma cavadeira daquelas de moldar buracos, no formato de uma espátula com corte e de metal grosso. Para aguentar a pancada, eu peguei aquilo e saí. Quando eu saí eles estavam tentando arrebentar a porta da URJS. Eles não tinham entrado lá ainda porque estavam com medo de mim. A parte do gabinete ficava em uma parte anexa, do outro lado. E eu peguei a cavadeira e falei, o primeiro que meter a cara aqui e arrebentar a porta eu meto a cavadeira no meio da testa. Aí a porta se abriu e eu meti a cavadeira na cabeça do João Malandro, era um motorista de ônibus chamado João Malandro, um negrão forte. A sorte foi que a porta bateu e voltou. Quando voltou eu fui dar um golpe e acertou a porta, furou a porta, e a cavadeira ficou presa, eu puxava e nada.

Eu senti alguém, da janela, me dar uma cacetada na cabeça. E o João Malandro entra com uma barra de direção na minha boca. Eu perdi os sentidos. Ouvi uma voz feminina falando corre meu filho corre. Quando acordei eu estava dentro do Lago das Rosas. O Lago estava seco, mas corria aquela água que forma o lago. Eu estava caído lá dentro. Passei a língua na boca e os dentes estavam todos deitados em cima da língua. A camisa só tinha o colarinho. Peguei um pedaço de pau, atravessei lá e voltei. Uma mulher que tinha um bar lá me deu uma água com sal para lavar a boca porque eu estava todo ensanguentado. E voltei para a sede a URJS. Quando cheguei lá os motoristas já tinham ido embora. Pedi carona a um sujeito que estava com uma vespa. Pedi a ele que me deixasse na porta do Palácio. Eu queria falar com o Mauro, o Mauro não estava e eu falei com o Ari Demóstenes: olha qualquer movimento estudantil o governo Médici manda a polícia meter o cacete. Nós fomos massacrados e não houve interferência da polícia, não houve nada. Permitiu que eles nos massacrassem. Quero deixar a minha manifestação aqui. Da minha revolta, da minha indignação contra o governo do Estado.

E o Ari disse, calma, você está com o sangue quente, você tem que ir ao hospital. E mandou o carro do Palácio me levar num hospital que tinha quase em frente à faculdade de Direito, na Rua 20, não me lembro do nome dele. Eu fiquei lá esperando quase uma hora, não me atendiam. Aí liguei para a minha irmã, que era dentista: o Herta eu estou aqui no hospital aconteceu isso e isso. Eu estou com a cabeça quebrada, a boca está cheia de ossos de dente e

tudo solto. Ela foi lá e me pegou. Ela estava terminando a odontologia, chamou um professor dela para fazer a cirurgia na minha boca e na cabeça.

O consultório dele era naquele prédio antigo em frente ao cine Goiânia. Eu sendo operado e sirene correndo a rua. E saiu a notícia de que eu tinha morrido, que estava morto. Aí os estudantes com cartazes “procura-se João Malandro vivo ou morto” foram em direção às empresas de ônibus que ficavam antes de Campinas, ali era a sede.

Eu soube depois que os estudantes foram lá para depredar, queimar as duas empresas de ônibus. Incendiaram uma e quando foram incendiar a outra a polícia estava lá com o comandante, o José Joel Marco, oficial do Exército que o Mauro Borges trouxe, amigo dele - trouxe do Exército para ser o comandante militar e era secretário de Segurança Pública.

O que os estudantes fizeram? Gritaram “viva o comandante José Joel Marcos”, pegaram ele e puseram na costa, carregaram ele e a polícia ficou sem comando. Eles foram lá e incendiaram ônibus, e tudo com o comandante nas costas. Uma tática fantástica. E a polícia ficou assistindo tudo.

O Henrique Meireles, ele criou em oposição a URJS, a Confederação dos Estudantes Secundaristas e deu um golpe. Com isso, ele foi lá com jagunços, estavam armados, e expulsaram a URJS da sede, a sua sede perto do Lago das Rosas. Foram expulsos com o golpe que o Henrique Meireles deu na época. Foi um golpe danado, comandado e idealizado por Henrique Meireles, que sempre foi um canalha.

Eu fui convidado para entrar nas Ligas Camponesas, do Julião, através do Ataliba e do Tarzan. E fui treinar guerrilha na Serra da Saudade, no município de Rondonópolis, onde eu fiquei durante uns 6 meses.

LIGAS CAMPONESAS

Na Serra da Saudade a minha experiência foi muito rica, porque tinham apenas duas pessoas com fartos conhecimentos militares, que era eu e o James Allen. O resto não tinha conhecimento algum, eram estudantes do nordeste de Goiás, do norte de Goiás que hoje é o Tocantins. Tinham quatro camponeses de Formoso. Era comandada por um nordestino chamado Adalto Freire. Eu sei que já havia uma ameaça, o nordestino ameaçava, olha quem sair daqui, tentar ir embora, é teco! Está morto, nós matamos. E era sempre essa ameaça de teco.

Eu e o James Allen era quem dava as instruções militares para o resto da turma. Nem o comandante sabia nada de guerrilha e nem de conhecimentos de armas. Não sabia nem desmontar um mosquetão. Eu era o tenente-intendente; o James Allen e era o tenente não sei o que lá, os oficiais. O Pinóquio era outro tenente. Eram quatro tenentes que comandavam. Eu era o responsável pelo abastecimento.

Para a população pátria, a população da região, o acampamento era de uma companhia que estava fazendo prospecção mineral. E eu era o engenheiro. No acampamento era terminantemente proibida bebida alcoólica, bebida alcoólica não entrava no acampamento. Tinha um boteco na beira da estrada onde a gente fazia compras, tínhamos conta lá. Certo dia

eu cheguei lá e, conversando com a dona do estabelecimento, ela falou assim para mim: você não quer tomar uma cervejinha da geladeira do senhor Adauto? Eu perguntei que geladeira? Ela disse: eu faço um buraco em baixo do balcão, coloco as garrafas de cerveja lá no buraco, tampo com terra e jogo água. Então, quando ele chega, eu tiro do chão, lavo a garrafa e elas estão friazinhas. Ele gosta de uma cervejinha, de um rabo de galo. Eu disse, tá bom! A senhora me dá um fardo de cerveja, era fardo com um saco de linhagem e com palha de bananeira costurada, de feno de arroz para não quebrar. Disse que queria dois fardos de cervejas, umas cinco garrafas de cachaça, Fernet e Vermute Elefante. Cheguei lá carregado. O burro estava carregadinho de bebidas. O James Allen estava comigo e me apoiou na compra.

Chegando lá eu disse ao pessoal, olha hoje é farra, vamos cair na farra. Se um pode, todo mundo pode, aqui é democracia. Nós estamos aqui, e se um pode beber cerveja, que é proibido, sai daqui e vai lá em cima - e ele lá, o comandante, ouvindo - todo mundo pode. Então, hoje vamos cair na gandaia, vamos encher a cara. Só tomem cuidado para na ficar bêbados e não cair lá no precipício. Lá na frente tinha um precipício. A gente ficava instalados em um platozinho, descia a serra e aí tinha um platô; tinha o rancho, tinha umas bananeiras plantadas de lado e na frente era um buracão, rocha.

A partir disso eu passei a ser inimigo do comandante. Ele morria de medo de mim, por causa da minha fama de valente. Eu nunca fui valente coisa nenhuma, mas tinha a fama, e aí você aproveita a fama para mostrar a valentia. Ele dormia, com medo de mim, com uma espingarda atravessada no peito, uma faca, uma peixeira. Lá todos dormiam em rede. Eu chegava, abria a rede e ria na cara dele. Depois daquele dia virou uma bagunça total, o comandante não comandava nada. Mas continuava falando em teco. E nós estávamos lá, quatro meses, cinco meses e não dizia o porquê de nós estarmos lá, não tinha uma explicação. Nós fomos para lá em novembro, dezembro de 1961, e aí eu resolvi separar da turma. Eu falei James, eu vou embora, e se tentarem me impedir eu vou meter bala. Eu vou embora! O James disse, eu também iria com você, mas eu tenho dois caboclos que eu trouxe. O Garcia vai comigo, mas os outros dois não têm nada na cabeça, então, eles não vão. Eles estão do lado do comandante, então, eu não vou. Eu gostaria de ir com você. Eu disse, sabe de uma coisa, eu vou mudar para o mato sozinho, dou uma semana para a direção das Liga Camponesas vir conversar comigo, e depois de uma semana eu vou embora.

Eu mudei para uma caverna. É muito interessante porque era uma caverna muito bonita, poucas pessoas do acampamento conheciam a caverna. Tinha um lago na boca da caverna, e depois uns 300 metros, que era um buraco pequeno cheio de pontas de pedra para chegar a um salão grande. E nessa caverna tinha estalactites, estalagmites, parecia até feito de concreto. Era aquele paredão de pedra, não era calcário. Eu levei uma caixa de fósforos, lamparina, roupa de cama, um revólver, um filobezinho tcheco de 12 tiros. E mudei para lá. Para ir para o salão tinha que nadar. E fui nadando e levando as coisas nas costas. O embornal que estava o fósforo caiu na água e eu continuei segurando com a mão para cima a lamparina. Nadando e segurando a lamparina acesa. E aí entrei no salão e tal e deixei a lamparina acesa. Dentro da caverna tinha uma ossada de uma onça. Eu arrumei a cama, a cama o que era? Era um lençol, um cobertor daqueles “sapeca neguinho”. Caí na besteira de pegar a lamparina e ir para outro salão, explorar o outro salão que tinha milhões de morcegos; era morcego que não acabava mais, tudo de cabecinha para baixo. Maravilhosos os morcegos! Com a minha entrada eles se assustaram e voaram ao mesmo tempo e vieram para cima de mim em voos rasantes e a lamparina apagou. Eu fiquei na escuridão completa. A minha sorte foi que estava perto da porta, do buraco que ligava ao primeiro salão. E dentro do salão que eu estava tinha uma

cachoeira, a água nascia em cima e formava um rego. Pelo barulho da água cheguei ao salão e lá eu fui andando no escuro até achar a cama.

Peguei o embornal e o fósforo estava todo molhado. Eu pensei, não vão ascender os fósforos molhados. Peguei o fósforo, coloquei embaixo do braço para secar, deitei e dormi. Quando acordei, morrendo de sede, fui acender o fósforo, ele esfarelava todo. Peguei a filobé e fiz um sulco no chão para achar a cama, para ficar mais fácil de achar a cama. Fui fazendo buracos, que era o sulco, tomei água e voltei seguindo o sulco que eu tinha feito. Eu acho que fiquei lá uns três dias e três noites comendo coisas que tinha levado, comia no escuro mesmo. E falei, vou ficando aqui até encher o saco.

Um dia eu escutei um barulho, parecia conversa, longe. De repente apareceu uma luzinha e eu falei, me acharam. Eu peguei a filobé e pensei, a hora que começar a entrar eu vou matando. Aí o pessoal falou, Hugo? Somos nós! É o Cesar, é o Raimundo, é o Ailton, é o Caburé. Eu disse, está bem, então venham. E eles falaram, olha, nós vamos embora com você, não devemos esperar ninguém não, devemos ir embora. Eu falei, está bom, mas esperar, eu vou esperar. Eu dei um prazo e vou esperar, vamos ficar aqui na caverna. Eles disseram, caverna não. Dá um azar danado morar em caverna, vamos embora daqui. Eu disse, então vamos. Vamos para o mato.

Lá era aquela depressão, era um kenion, não agreste como o kenion americano. Era uma depressão e nessa depressão havia uma mata fantástica. Aroeira com troncos que pareciam troncos de jatobá. Tinha lugar que o rio Jurigue passava e fazia um corte na costa que dava uns 200 metros. E dava para passar dentro do Rio Jurigue. Olhava para cima e só via uma luzinha lá em cima, porque era um paredão com o rio pequeno, estreito. Ficava em Mato Grosso, perto de Rondonópolis. Nós fomos para o mato e quando nós estávamos descendo, saindo da caverna, encontramos o James e o Garcia. O James me falou o seguinte, Hugo o pessoal vai preparar emboscada para você, quando vocês saírem. Está tudo preparado para fazer uma emboscada. A pessoa que mais conhecia a região era eu. Eu sempre fui mateiro, morei na roça muitos anos, explorava mato, então a única pessoa que conhecia mato era eu. Eu conhecia a região, explorei a região inteirinha. Enquanto o pessoal achava que só tinha uma saída daquele buraco geológico, eu conhecia três saídas. O James falou que na hora que nós chegássemos a tal ponto eles estariam lá nos esperando. Ele falou que gostaria de estar conosco, mas que não podia por causa dos dois que ele trouxe. Ele disse, eu vou ficar no meio. Vocês de um lado, e a turma da emboscada do outro; vou pegar dois revólveres e vou atirar para os dois lados. Vou ficar no meio do fogo cruzado, atirando para os dois lados. Eu disse está bem James, o que eu posso fazer?

Nós fomos para o acampamento. Fizemos o acampamento perto do rio Jurigue, em um lugar estratégico. Depois eu falei, não vamos ficar muito tempo no mesmo lugar, vamos sair daqui, vamos para outro lugar, aí fomos para outro lugar. Do outro lado do rio Jurigue, em lugar mais fechado.

Quando deu uma semana de prazo, no dia anterior, eu falei com a turma, olha, vamos fazer o seguinte, eu vou colocar em votação, nós temos como render o pessoal, eles vão estar nos esperando para emboscada em tal lugar. Nós saímos por uma saída que eu conheço, vamos sair atrás deles e os renderemos. Renderemos e vamos embora, os pegaremos de costas, na tocaia. O James Allen, segundo ele, estaria no meio atirando para os dois lados. Estava o Pinóquio, o Mourinha, o pessoal do nordeste. E eu falei com o pessoal, olha tem outra saída, nós podemos, eu já esperei e agora eu não tenho compromisso, e tem a outra saída que já sai

do outro lado daqui do buraco, da depressão, e lá já está perto da estrada. De lá nós vamos embora, pegaremos a estrada e vamos embora.

Coloquei em votação e deu da gente ir embora. Ninguém tinha um centavo no bolso. Fomos ao boteco e compramos salsichas, quitutes, um monte de comida, uma garrafa de pinga com Fernet. Estava uma chuva danada em julho, uma chuva gelada. Todos molhados. Eles falaram, vamos tomar uma pinga para a gente esquentar. Aí conseguimos uma carona, fomos até Rio Verde, fiz amizade com o motorista que me disse que tinha uma pensão. Eu falei que tinha morrido alguém e que nós estávamos indo para Goiânia, mas estávamos sem dinheiro, que nós estávamos na fazenda esperando pagamento e tal. Ele disse, vocês vão lá o dono é meu conhecido, eu falo com ele e vocês combinam. E fomos lá. Eu entreguei a filobé como garantia do pagamento. E acabamos chegando a Goiânia.

O pessoal do Formoso na época que estava no acampamento foi para lá enganado. Disseram que eles eram fiéis ao partidão, e as Ligas não tinha nada a ver com o partidão. O partidão era contrário àquele movimento do Julião. Lá eles se manifestavam, eram uns quatro de Formoso, e eram olhados com certa desconfiança pelo comandante. Então, chegamos a Goiânia e a primeira coisa que eles fizeram foi procurar o partidão para contar o que estava havendo. E foi a partir daí que acabaram os acampamentos. Tinha em vários lugares, tinha no Paraná, tinha em Indianópolis.

Era em pleno governo do João Goulart, não tinha sentido algum fazer um movimento clandestino. O acampamento do Mato Grosso acabou logo depois que eu saí, depois foi o de Indianópolis e depois o do Paraná, e acabou.

Em 1962, eu pintava, eu fazia parte da turma do DJ Oliveira, eu cheguei a fazer exposição. Funcionava o Teatro de Emergência e o ateliê do Oliveira era lá. A gente saía com a turma da faculdade Católica, onde o Oliveira, também, dava aula de pintura. Eu pintava quadros, eu e cheguei a ser escolhido em um salão. Depois da ditadura militar eu peguei meus quadros, joguei todos fora e nunca mais peguei em um pincel.

Antes de 64 existia um jornal, 4º Poder, que era da Universidade Federal, e eu publicava todos os domingos, era dominical o jornal. Era vendido nas bancas e eu tinha uma página cativa no jornal. Saía um conto meu publicado todos os domingos. O jornal era tão importante que era vendido, não era só distribuído. Eu tenho recortes meus publicados naquela época.

Eu tinha três atividades culturais. Tinha o teatro, que eu fazia parte do Benes e seus Artistas; eu fazia pintura e literatura, escrevia. Eu trabalhei em Ratos e Homens; trabalhei em Paiol Velho; depois eu fiz um filme com o Bênio, “O Diabo Mora no Sangue” - eu fiz o roteirista. Aliás, eu fui o roteirista do filme, o argumento era do Bênio. E João Bênio tinha conseguido um financiamento do Banco Mineiro do Oeste. Aí eu fui para Rio de Janeiro e fiquei em seu apartamento, e escrevi o roteiro. O João Bênio pegou o roteiro e o entregou para o Ziembinski. Aliás, quando o João Bênio contratou o Cecil Thiré para ser o diretor do filme, o Cecil Thiré levou o roteiro que eu tinha feito e entregou para o Ziembinski, e o Ziembinski anotou algumas modificações no roteiro. Pedi algumas modificações e as modificações foram feitas por mim. Eu que fiz todas as modificações, os diálogos do filme são 100% meus. Eu que construí todos os diálogos e atuei como ator.

MILITÂNCIA

Eu trabalhava no gabinete do Mauro, na Secretaria Particular, eu que abria todas as correspondências, tanto a correspondência comum, quanto a reservada, a secreta, tudo e passava para o Mauro.

Uma semana antes do golpe, eu recebi, caiu em minhas mãos, um telegrama do Meneghetti, que era o governador do Rio Grande do Sul, todo cifrado. Eu peguei e escrevi lá, Governador não entendi nada desse telegrama, parece coisa cifrada.

No dia seguinte eu fui trabalhar e o Messias Tavares, que era o secretário, falou, Hugo você está muito cansado, eu vou te dar uma semana para você descansar. Eu disse: não Messias, eu não quero descansar, não quero e não vou sair. Eu não estou cansado e quero ficar. E quando chegou o dia 31 de março eclodiu o movimento que deu início à ditadura militar, lá em Minas Gerais.

Na época estava sendo convocado o pessoal do Palácio para uma reunião à noite, no próprio Palácio. Fui lá e fiquei lá esperando a reunião do Mauro. E só entrava o pessoal da extrema direita, só a extrema direita enchendo o Salão Verde. O secretário de Governo era o Ary Demóstenes. Eu falei, Ary eu não estou entendendo, o que está acontecendo? Ele disse, Hugo não tem jeito não, o Mauro está apoiando o golpe, ele vai fazer um discurso apoiando o golpe, e mandou convocar todo esse pessoal.

Quando Mauro começou a falar, a discursar apoiando o golpe militar, eu estava sentado mais ou menos no meio, levantei e saí gritando, gorila, gorila... Saí e fui para o centro acadêmico da faculdade de Direito da Universidade Federal. O gorila era uma denominação da época para todos os militares golpistas. Qualquer movimento de militar era taxado de golpista, de gorila. Injustamente, porque o gorila é um animal pacífico, não mexe com ninguém. E esses são terríveis. Geneticamente não tem nada a ver uma coisa com a outra.

Fui para o centro acadêmico e teve o movimento contra uma tentativa de organizar alguma coisa, que tinha sido organizado em 1961. Na renúncia do Jânio Quadros, o movimento garantiu a posse de João Goulart, foi o movimento desencadeado, também, pelo centro acadêmico. O centro acadêmico da faculdade de Direito da Universidade Federal, era onde acontecia o movimento político de resistência, golpes, tudo nascia no centro acadêmico da faculdade de Direito da Federal, na Rua 20.

Aí veio o golpe e fui um dos primeiros a ser demitido do Estado. Um dos primeiro não, eu fui o primeiro a ser demitido. Antes de eu ser demitido, o Messias mandou um carro oficial de chapa preta ir em casa me pegar para trabalhar, e eu mandei um recado para o Messias, diz a ele que eu não trabalho para o gorila.

Por causa desse problema do gorila, que eu falei logo depois do golpe militar, foi instaurado um inquérito a respeito dos funcionários públicos subversivos. Então, me mandaram uma intimação, mandaram um prontuário. Fabricaram um prontuário meu, eu não tinha prontuário algum. Fabricaram um prontuário e me mandaram cópia desse prontuário para eu fazer uma defesa escrita sobre as acusações que havia no prontuário. Defender-me para não ser demitido, justificar o porquê que eu não deveria ser demitido do governo. Isso foi logo depois do golpe.

Eu fiz a minha defesa. Eles diziam que eu era agitador contumaz. Eu disse sim, fui agitador contumaz, trabalhei durante um ano e meio em uma farmácia de manipulação, onde eu agitava os frascos de medicamentos indistintamente. Mesmo que eles fossem verdes, vermelhos ou incolores eu agitava tudo.

No prontuário dizia que eu tinha visitado Cuba, que eu tinha feito uma viagem a Cuba. Eu respondi que eu nunca tinha ido a Cuba. E disse, já que vocês estão dizendo que eu fui, vocês deveriam me financiar uma viagem, porque eu gostaria de conhecer Cuba. Já que vocês estão falando que fui e eu não conheço, vocês deveriam me pagar uma viagem. Eu fiz toda minha defesa na base da gozação. E fui lá e entreguei para a Comissão do governo Mauro. Entreguei a minha defesa e, no processo, o Rivadavia Xavier Nunes escreveu no seu parecer final que se tratava mesmo de agitador, que no dia 31 de março ele saiu do auditório do Palácio chamando o governador de gorila.

E quando desencadeou a repressão eu e o Adalto fomos para Pirenópolis, ficamos lá escondidos muito dias. Voltamos e não aconteceu nada com a gente. Quando foi em agosto, eu estou em casa e, de repente, pára um jipão do Exército na frente da porta de casa. Invadiram a casa e declararam que eu estava preso, que iria para o quartel. Fizeram uma busca até o teto da casa. Entraram pelo telhado e fizeram uma varredura casa procurando alguma coisa. E lá em casa nós não tínhamos nem literatura política, já tínhamos tirado tudo. Eu estava lendo uma coleção de obras de Voltaire, e fui honrosamente preso com Voltaire. Eu e Voltaire fomos presos, fomos levados para o quartel. Era uma literatura altamente subversiva na época.

MAURO BORGES

Mauro é o seguinte, o coronel Danilo era inimigo do Mauro, ele veio para cá por que era inimigo do Mauro. Eles queriam realmente achar fatos, fatos que implicassem o Mauro para derrubá-lo. Apesar de o Mauro ter participado do golpe, eles não confiavam no Mauro. A Direita não confiava no Mauro por causa de sua participação no golpe que impediu o golpe de 1961, quando o Mauro e o Brizola garantiram a posse do Jango. Ele era visto com desconfiança. Então, o que fez o Exército, colocou o Danilo no comando do 10º BC para achar provas contra o Mauro, todas as prisões foram em busca de provas contra o Mauro. Por isso, eu era um capitão Russo que estava no Palácio, no governo Mauro.

Alguma pessoa do governo do Mauro Borges tentou libertá-lo? Não! Inclusive, ele não tinha como fazer isso. Ele não tinha como fazer. Primeiro porque o Mauro perdeu a referência política com a saída do Jesus da Paixão Reis, que era o seu secretário particular, em 1961. Ele tinha uma formação política firme, sólida. Ele quem influenciou o Mauro a lutar contra a tentativa de golpe em 1961 para impedir a posse do Jango. Ele quem redigiu aquele manifesto histórico que chamava o Cordeiro de Faria de gorila. Então, o Jesus da Paixão Reis fez um concurso público, ele era inteligentíssimo, ele fez para procurador da república, uma coisa assim, teve candidatos do Brasil inteiro e ele praticamente sem estudar, fez e passou em primeiro lugar e foi nomeado. E o Mauro perdeu o seu secretário, e colocou na Secretaria Particular o Messias Tavares. Ele tinha formação e tal, mas era muito pacífico, não dava opiniões, era muito devagar. Além disso, surgiu a iminência parda lá dentro do Palácio e

começou a fazer a cabeça do Mauro, que é o pai da Bizé, o José Jânio, que era de extrema direita.

Eu me lembro de que o Geraldo Vale uma vez fez um artigo chamando o José Jânio de Jacu de Tapera. Então, o José Jânio teve uma péssima influência no governo Mauro. E o Ary Demóstenes, que era o Secretário do Governo, também, vinha da UDN, era udnista. E o Mauro que ouvia uma pessoa sensata, da parte política, passou a não ter referência política com a saída do Jesus.

O Mauro colocou na Polícia Militar, um militar do Exército e de direita, que era José Joel Marcos. E colocou na Secretaria de Segurança Pública o Rivadavia que era de direita também. Então, a repressão era altamente justificável. Eles tinham carta branca do Mauro, eram amigos do Mauro.

Passado uns dias eu voltei ao Palácio, fui lá para pegar as minhas coisas, quando o José Joel Marco foi pessoalmente me prender. Saí deitado nos fundos de uma Kombi para não ser preso pelo José Joel Marco. Ele era comandante da Polícia Militar. E o Rivadavia Xavier Nunes era o secretário de Segurança Pública. Nessa ocasião, o Rivadavia era secretário de Segurança Pública, ele já deveria estar sabendo que o Mauro iria apoiar o golpe, porque uma semana antes eu tinha aberto aquele telegrama secreto para o Mauro, do Meneghetti. O Mauro iria apoiar o golpe militar, o secretário de Segurança Pública já deveria estar informado.

O Mauro sempre tenta justificar o porquê que ele participou do golpe, só que ele criou um mecanismo que não é verdadeiro. Ele já me contou a mesma coisa umas dez vezes, diz que participou do golpe porque o Assis Brasil o tinha chamado no Palácio em Brasília e o convidado a participar do golpe para manter o João Goulart no Governo. Isso é uma coisa inverossímil, não houve tentativa de golpe do João Goulart, ele nunca pensou em golpe, ele era extremamente legalista. Ele não tinha essa pretensão.

Na verdade, o Mauro ficou enciumado por que ele foi um dos que garantiu a posse do Jango, e ele esperava que o Jango desse mais apoio ao governo dele. E o Jango não deu esse apoio que ele esperava. E como ele perdeu a referência política do assessor que saiu por causa do concurso, ele simplesmente, com magoas do Jango não ter apoiado ele na parte administrativa do governo, se sentiu a vontade para apoiar o golpe.

PRISÃO

A gente achava que o Exército era altamente democrático, até o golpe militar. A gente não tinha passado por aquilo que passou durante a ditadura de Getúlio Vargas. Então, a gente pensava que o Exército era uma força democrática, legalista. E de repente a gente se depara com a ditatorial, violento. Nós fomos surpreendidos, nós não acreditávamos que o Exército torturava pessoas em suas dependências. Naquele período ali do segundo governo do Getúlio Vargas, na década de 50, até a queda de Getúlio, a posse do Juscelino, a garantia da posse do Juscelino pelo general Lott, aquilo tudo deu uma impressão de que o Exército era legalista. Nós tínhamos, naquela época, certa simpatia pelo Exército, principalmente pelo posicionamento do Exército em relação à garantia da posse do Juscelino, logo após a tentativa de golpe do Café Filho. E isso criou em nosso subconsciente alguma coisa de que o Exército era legalista, que ele jamais faria uma coisa daquelas. Lott nos colocou uma sensação na cabeça.

Quando eu estava preso no quartel, eles estavam me acusando de ter recebido 20 milhões de dólares, na Avenida Goiás, de João Batista Zacarioti para financiar o movimento. Que eu tinha recebido esse dinheiro da embaixada da Polônia. Eu disse não, não sei nada disso, que era uma coisa inverídica, que eu não tinha nada para falar. E sendo torturado para confessar onde estava o dinheiro. Nisso eu soube que o Paulo Gútico foi preso quando Saulo Taguatinga estava sendo preso na Avenida Anhanguera. E o Paulo Gútico conhecia o Saulo Taguatinga. Ele abraçou o Saulo no momento que ele estava sendo preso. E nisso eles pegaram o Paulo e levaram preso.

O Paulo estava em Goiânia fazendo tratamento psiquiátrico. O Paulo trabalhava em São Paulo e tinha seqüelas da guerra, ele passou um período da 2ª guerra mundial fugindo de bombardeio. Então, ele tinha neurose de guerra. E ele foi com uns colegas de empresa para o litoral paulista e na volta o carro capota. Morreram quatro companheiros dele, colegas de trabalho, e ele escapou. Com isso a cabeça dele ficou ruim, e a firma o mandou para Goiânia para ficar com os pais e fazer tratamento. E eles o prenderam justamente nesse período que ele estava fazendo o tratamento.

Quando chegaram no quartel foram perguntar o nome dele. Ele disse que era Jean Fushier, espião Frances. Eles disseram: espião, predemos um espião. Isso em agosto de 1963. E o Paulo criou um esquema mental que envolveu o seu pai, que tinha quase 80 anos, e acabou sendo preso. Disse que o pai não era o seu pai e sim um oficial Russo. Disse que eu era um capitão russo, que estava trabalhando no Palácio, mas que eu era um capitão russo. E que iria ter uma revolução no Brasil de tendência maoísta e que a Polônia estava preocupada com os poloneses que moravam em Goiás. E só meia dúzia de poloneses moravam em Goiás. E que ele queria fazer um esquema para salvar essas pessoas de um movimento maoísta, uma revolução maoísta. E este movimento era chamado de Valadoli. E criou toda ramificação, que Zacarioti entregou 20 milhões de dólares para financiar o movimento de salvação para os poloneses residentes em Goiás.

E a gente sendo torturado para confessar uma coisa que era fantasia absoluta da mente do Paulo. E, com isso, eles prenderam o Ataalba Alves de Lima, eu gosto muito do Ataalba, meu amigo, companheiro e tudo. O Ataalba tem medos patológicos. Ele morria de medo de grilos, a gente ia jogar bola lá no acampamento e chutava a bola para ele e ele corria de medo da bola.

Eles foram prendendo. O Paulo tinha feito referência a mim, era muito amigo meu, eu o conhecia de Ceres, a minha família era muito ligada à dele, lá de Ceres. E por isso ele me envolveu nisso ai.

Quando eu voltei lá do Mato Grosso, ele soube através de alguns amigos. Ele pescou algumas coisas de que eu tinha estado treinando guerrilha. Ele só não sabia onde era. Ele disse aos militares que era no Araguaia. E eles me torturavam para confessar o treinamento de guerrilha. E prenderam o Ataalba e o Ataalba conta toda história do acampamento, inclusive os apelidos. E eles foram me torturar para confessar com dados. Perguntavam fulano de tal estava? Sicrano que o apelido era x? E não tinha como negar, eles tinham já os apelidos, tinham tudo. E com isso, uma das coisas que o Paulo falou se tornou verdadeira e o esquema Valadoli era verdadeiro para eles. E aí recrudescceu a tortura para confessar, mas confessar o quê?

Até que eles desistiram, porque o Paulo, com isso, passou a ficar totalmente demente. Eles o levaram para um estande de tiros, e perguntaram o que ele gostaria de comer, por ser a sua

ultima refeição. Falaram que ele iria ser fuzilado no dia seguinte. O levaram e o colocaram no estande de tiros, colocaram uma venda nos olhos dele, e com balas de festim simularam o fuzilamento, e quando atiraram ele caiu durinho. E para reanimar o Paulo? Segundo eles foi difícil convencer o Paulo de que ele não estava morto.

Eu estava preso em uma cela que era uma sala. Aí eles me passaram para a casa onde ficava o sargento, e na guarita do quartel ao lado era a prisão dos soldados. E o Paulo preso juntos com os soldados, na cela dos soldados. Um dia os soldados sacaneando deram uma farda do Exército para ele vestir. E ensaiaram o Paulo. E chegou o oficial do dia para fazer a vistoria e o Paulo vestido, bateu a continência. O oficial ficou furioso e gritava, tira essa farda imediatamente, e começou a ameaçar a bater nele. E os soldados falaram que ele estava fingindo, que ele se fingia de louco, e que ele não era louco não. Um dos soldados disse ao comandante, olha diz que o sujeito que come merda e rasga dinheiro é que é louco, o Paulo escova os dentes na merda do vaso sanitário e para fazer isso, só louco. E ele fazia isso, pegava merda na escova e escovava os dentes. E o soldado falou, ninguém finge um tipo de loucura como essa.

TORTURA

Eu sempre tive um controle muito grande sobre o meu psíquico, sobre o meu corpo. Eles me levavam para a sessão de tortura, eu era torturado e eles voltavam para a sala, eu dormia em um sofá, um sofá comum desses de escritório. Eu chegava e passado 10 minutos eu já estava dormindo, e isso para eles era uma afronta. Passava um pouquinho e o capitão Aníbal me acordava me sacolejando, com ódio por eu esta dormindo.

O Aníbal participava, mas de vez em quando ele desaparecia, ele ficava mais na 7ª CR. Vinha, participava das torturas e dava uma de bonzinho. Era aquele tipo que chegava e dizia, olha eu simpatizei muito com você, minha mulher fez uns bolinhos eu trouxe para você. Era para tentar conseguir alguma coisa do preso através do suborno, do agrado. Ele se fazia de bonzinho, mas ele não era bonzinho não, ele participava das torturas.

O capitão Fleury tinha algum trauma, ele era um psicopata, eu acho que Fleury um psicopata. Porque, uns dois meses antes do golpe militar, eu encontrei alguém, não lembro quem, que falou: vamos lá no jóquei comigo. Tem uma festa de casamento, eu sou convidado e você vai comigo. Eu falei vamos, entrei no jóquei era o casamento do Marcos Fleury com a filha do Hélio de Brito. Isso há uns 2 meses antes, não sei bem se isso, mas um período antes do golpe militar. Esse homem recém-casado passava a noite inteira no quartel, deixava a esposa em casa para torturar pessoas no quartel. Tem que ter algum trauma, não pode ser uma pessoa normal. Preferir torturar pessoas a fazer amor com a mulher, sendo recém-casados, não dá para entender. Não é normal, e ele vivia no quartel durante o período da repressão. A pessoa mais assídua dentro do quartel era o capital Fleury.

No momento da tortura eles colocavam um capuz plástico grosso na cabeça. Você ficava ali apanhando e suando dentro daquela porcaria. E aí quando você não agüentava mais o sufocamento e eles já estavam com a garganta seca, perguntavam: está com sede? E começavam a beber água. Que aguinha gostosa! É só confessar que bebe da água. Está com

sede? Tá bom, vamos dar água para ele. E tiravam o capuz até os olhos, tampava a boca e jogava a água no nariz, uma forma de afogamento.

Eles não batiam onde tinha ossos, eles batiam na parte mole, no abdômen, batia no tórax, surrava, afogamento, choques elétricos. Algemavam a gente na caixa d'água e ligava o diesel. Quando faltava energia eles ligavam um motor diesel. No mês de agosto, um calor infernal, e a gente colada no motor diesel. Uma fumaça que eu saía de lá quase morto. Tudo isso no 10º BC.

Eu fui transferido para outro lugar. Eu pensei, sabe de uma coisa, eu vou me matar. Eu estava em uma sessão e arrumei uma gilete e falei eu vou cortar os pulsos, pelo menos eu faço um escândalo nessa merda aqui. Eu queria criar um fato, um escândalo, porque todos estavam presos lá, eu também estava preso e sem expectativa, sem perspectiva de ser solto. A gente não sabia o que iria acontecer. Quando eu estava preparando para cortar os pulsos, eles me chamaram e me levaram lá para Comando do quartel. E falaram, você vai ser solto hoje. E nisso estava o comandante, que era o Danilo: nós vamos soltar você, e você vai ficar sendo vigiado, não conversa nem com a sua mãe sobre o que aconteceu aqui. Se não você vai conhecer a linha dura, você passou até agora pela linha moderada, se nós soubermos que você falou, você irá passar pela linha dura.

Eu fiquei 45 dias, e aí me soltaram. Eu fui para casa arreventado. Fiquei uma semana me recuperando do que havia passado. Depois saí, fui ao cartório e fiz uma escritura pública, datilografada. Eu tenho cópia dessa escritura aqui comigo. Eu narrava tudo, tintim por tintim, o que aconteceu comigo e o que eu vi acontecendo com outras pessoas. E a minha escritura se tornou escândalo nacional. Então, os militares preferiram não mexer comigo porque, quando eu fiz a escritura, a revista O Cruzeiro mandou a Goiânia Davi Nascere, que era o principal jornalista da revista, para fazer uma reportagem sobre a minha denúncia de tortura. E a revista trouxe umas cinco ou seis páginas a respeito do fato, da escritura da minha denúncia. Eu sei que o Davi Nascere fez uma matéria muito boa a respeito disso. Tanto é que parte dessa escritura está no livro Tortura e Torturados, está no livro do Mauro. Tem referência a ela naquela trilogia do Gaspari, tem na coleção de livros Direito, porque foi a primeira vez que se fez uma escritura pública para denunciar um fato político, um fato da repressão. E esse instrumento tabelionato, nunca tinha sido feito nada nesse sentido, por isso, faz parte de uma coleção de Direito, de livros jurídicos.

Quem convenceu o cartório a fazer isso foi o Rômulo Gonçalves, ele era o meu advogado. Ele que falou com o cartório, que fez todo o trabalho com o cartório para eu fazer a escritura. Ele que me deu a idéia de fazer a escritura. Qualquer pessoa pode fazer uma escritura pública de declaração. Então, eu fiz uma escritura pública de declaração contando fatos políticos. E isso foi um marco dentro do Direito, porque esse caminho ainda não tinha sido usado para fazer uma denúncia pública contra um ato de força.

Depois que eu fiz, tiveram algumas pessoas que não eram políticas, uma prima minha que participou, deu cobertura, fez uma declaração. Ela era amiga da família do Paulo Gútico. E ela fez a declaração confirmando as minhas declarações e falando mais sobre o pai do Paulo e sobre o Paulo, que sabia que eles estavam lá sendo torturados.

Eu era brasileiro e estava sendo torturado daquele jeito, imagina um estrangeiro, como seria tratado. O pai do Paulo Gútico era um ancião, deveria ter mais de 80 anos naquela época.

O aeroporto estava sendo vigiado. O João Bênio descoloriu o meu cabelo, e eu pintei o cabelo de castanho, fiz uma maquiagem no rosto, no pescoço, nos braços. Coloquei uma camisa longa, e fui até o aeroporto peguei um avião e desci em Aruanã, onde tinha um caminhão me esperando. Um caminhão da fazenda onde estava sendo construído o hotel das Cangas, do Valdir Flauzino. E eu fiquei durante 6 meses, escondido lá. Foi quando aconteceu a intervenção em Goiás.

O meu cabelo começou a crescer e o pessoal do acampamento falou, Hugo seu cabelo queima ao contrário, todo mundo queima o cabelo de cima para baixo, o seu queima de baixo para cima?

Eu fiquei lá até mais ou menos março. Aí eu falei, vou embora, vou voltar para Goiânia, vou enfrentar esses filhos da puta! E vim para Goiânia, fiquei uns dias em Goiânia e pensei, eu vou me asilar no Uruguai ou na Argentina. A minha fuga de Goiânia naquela época, após a escritura, foi importantíssima para a minha sobrevivência. Porque antes de tornar um escândalo nacional, eles poderiam fazer qualquer coisa comigo, como represália.

Eu tinha uma irmã que morava lá no Paraná, em Guarapuava, e que ficava perto da fronteira. Fui para a casa da minha irmã para, de lá, atravessar a fronteira.

Guarapuava é vizinha de Laranjeiras do Sul e Cascavel. O Gerson Cardim Osório saiu do Rio Grande do Sul e foi parar perto de onde eu estava. Eu na casa da minha irmã, e o helicóptero passando em cima da casa. E eu fiquei lá mais ou menos um mês, pensei, eu vou voltar para Goiânia, aí voltei e fiquei aqui.

Particpei da VAR Palmares dando cobertura ao pessoal com quem que eu tinha contato. Na verdade eu não deveria ter participado dessas coisa, eu era muito vigiado. Depois, com o negocio da ABIN, foi que eu vi que até 89 eu estava sendo vigiado. Era uma temeridade participar de um movimento clandestino como o VAR Palmares, mesmo não participando da luta frontal. Eu colocava em risco o próprio movimento, porque eu era muito vigiado.

Quando prenderam os estudantes em Ibiúna na manifestação do centro acadêmico, eu fui para lá e discursei. Quando eu saí de lá, fui seguido. Eu ia pela Anhanguera e um sujeito atrás de mim, aonde eu ia ele estava atrás de mim. Entrei no cine Casablanca e quando eu saí já não vi mais o caboclo me seguindo.

Um dia eu estava jantando no Tip Top, tomando uma pinga, quando de repente alguém venda os meus olhos com as mãos e pergunta se eu sabia quem era? Eu respondi não, não sei não. Quando eu virei, era o sargento Guido, um dos torturadores. Ele era cozinheiro do quartel e participava das sessões de torturas. Eu simplesmente levantei. Eu era assíduo frequentador do Tip Top, levantei, dei a volta, saí e fui embora. Eu simplesmente olhei para a cara dele e fui embora. No outro dia eu paguei a minha conta.

Eu estava fazendo um financiamento pela Caixa Econômica para construir uma casa no Setor Oeste e fui falar com direção da Caixa. Quando eu entro no elevador quem estava lá? O capitão Fleury, Marcos Fleury, eu olhei para a cara dele, fechei a cara e virei às costas. Quando o elevador abriu as portas, eu desci e fui.

De 1968 para 1978 como foi a sua vida? Foi-me barrado tudo. Eu não podia fazer mais nada, a não ser a publicidade, e eu comecei a trabalhar com publicidade. Foi única forma que eu encontrei de sobrevivência. Aí eu conheci o Oscar Dias, conheci o Iberê e o William Guimarães. Eles estavam fundando a Legenda e me convidaram para ajuda-los na agência.

Era uma sala emprestada das Organizações Jaime Câmara, no edifício na esquina da Rua 2. Descia do elevador e subia para a salinha quente, lá em cima, junto à caixa d'água. Eu comecei a redigir propaganda e fiquei 5 ou 6 anos na Legenda.